



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI—N.º 392—Preço 1\$00  
21 DE MARÇO DE 1959

Vales do Correio para Paço de Sousa—Avença—Quinzenário  
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato—Paço de Sousa

FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA—Director e Editor: PADRE CARLOS  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato—Paço de Sousa

## RELATÓRIO DE 1958

**P**ERANTE o dever de resumir mais um ano de vida de uma Obra de Deus a que Ele quis dar uma face temporal tão notável, sentimos um cair de mãos significativo de que «os dias felizes não têm história».

Por dias felizes entendemos: dias de luta, dias de provação, que umas vezes rematam em vitória, outras em fracasso. Porém, em Cristo e com Ele, derrota não quer dizer fim perdido. Humilhação, isso quer, com certeza! Mas, pela humilhação vem a Humildade; e pela Humildade entra, a jorros, a Graça de um Deus de Misericórdia infinita, que só «resiste aos soberbos»; e com a Graça, «tudo podemos n'Aquele que nos conforta».

Dias felizes, sim! Dias de crise, de evolução, embora... — dias de vida. «Milícia é a vida sobre a Terra!» Como admirarmos-nos, pois, de lágrimas e de sorrisos vivendo paredes meias; de triunfos e inêxitos; de desgostos e consolações?! O balanço de cada dia pode deformar a realidade. Há dias de euforia; há-os de abatimento. Por isso se nos impõe o balanço de um largo prazo, um ano da nossa vida cheia de oscilações, cujo valor médio nós procuramos afim de conhecermos a trajectória resultante: se ascendente, se descendente.

Pai Américo chamava a estas oscilações «as necessárias vicissitudes da Obra», pelas quais o padre da rua é «o homem aflito, queimação interiormente e constantemente até ao desgaste final — a morte»; e deixou-nos prevenidos. Por isso nos não admiramos e nos parece difícil recapitular os grandes acontecimentos do ano derradeiro.

### Casas do Gaiato

O primeiro, na ordem de importância, foi o aumento da nossa pequenina grei. Senhor Cardeal prometera e não faltou, apesar de tantas urgentes necessidades no seu vasto Patriarcado.

Padre José Maria — aquele que (podemos revelá-lo agora!) só tinha «dois desejos: quando morrer ir para o Céu; quando for padre ir para a Obra da Rua» — veio mesmo, após uma escolha bem provada de Deus.

Com ele pudemos finalmente ser um em cada casa (não contando os Lares). E embora não sintamos por isso que a grande sobre-carga de trabalho diminuisse, sentimos (isso sim!) que a Cruz ficou mais dividida. — E um acréscimo de Paz se nos veio juntar.

Da inquietação que continua lavrando em muitos Seminários não dizemos nada. Ao longo do ano temos dado testemunhos. E ainda o número do 15.º aniversário de «O Gaiato» (o último) vinha bem cheio deles.

Sabemos de Prelados que olham com muita alegria esta inquietação, que tomam por sinal de renovação de vida e de formas de viver a vida pastoral; e que esperam confiantes os seus frutos. Sabemos que eles nos não querem estranhos neste palpitar. Que o

Senhor nos conserve fieis ao nosso caminho e dignos da confiança que depositam em nós.

Mas há promessas ainda mais concretas de aumento da pequenina grei. Engenheiro Luís Barata completou o seu curso de Agronomia e frequenta Filosofia no Seminário Maior do Porto. Abraão, um dos de quem se dizia o ano passado «e sei de outros a quem Deus ainda não deu a decisão», já teve a resposta do Céu à sua incondicional generosidade. Veio juntar-se ao Fernando Dias na preparação de «humanidades», indispensável ao ingresso na Filosofia. Outros, porém, esperam ainda a experiência da Voz que os chama. Sofrem interrogações que os amadurecem, sem dúvida. Mas eu relembro-lhes que a resposta há-de surgir neles, mediante ecos de incondicional generosidade.

Finalmente, em Lisboa, Zé do Porto persiste em seu primeiro desejo, frequentando com aproveitamento o 4.º ano liceal.

#### BEIRE:

Casa do Gaiato e Calvário

O segundo grande acontecimento (Afiml consequência do primeiro!) foi a abertura efectiva da Casa do Gaiato de Beire e do Calvário. A primei-

ra começara ainda em vida de Pai Américo com 6 rapazes idosos de Paço de Sousa para os trabalhos agrícolas. O Calvário quisemos que fôsse iniciado no 1.º aniversário da morte de Pai Américo, como ao tempo se relatou. Mas ambos estes princípios foram quase simbólicos. Agora, a vinda de Padre Baptista permite o trabalho a plena carga.

Efectivamente a Casa do Gaiato de Beire encontra-se esgotada e nem chegou sequer para resolver todos os casos de debilidade mental que exigem um tratamento especial, impossível nas outras Casas do Gaiato. Foram ali criadas duas classes primárias especiais, mas apenas uma delas se encontra provida e de há poucos dias. Se houver por aí professor ou professora com aquela especialidade, que se apresente. Padre Baptista, além de tudo o mais que sobre si descarrega, tem acumulado até agora as funções de professor, para as quais não está de todo imprevisto em virtude do estágio feito em um dos raros estabelecimentos da especialidade existente no nosso País: o Instituto Adolfo Coelho.

CONTINUA NA SEGUNDA PAGINA

## CALVÁRIO

Se não fora resposta da Igreja a necessidades humanas, o Calvário seria chamado e, justamente, caixote do lixo da Sociedade.

De cada vez que uma cama verga sob o peso de mais um doente, temos a sensação nítida da montureira humana que isto aqui é. O que não presta, o que ninguém quer, o que todos arrumam a um canto por estorvo — vem parar ao Calvário. Ora, a Igreja está sempre presente a todas as necessidades humanas. É mãe. Acompanha solícita os filhos, do berço ao túmulo. Mas ela nunca é tão mãe como quando olha pelos seus filhos mais indigentes. E nós nunca tão dela, como ao irmarmos-nos com os fracos e pobres, tomando-os em nossos braços. Nunca tão felizes, como ao verificarmos que somos instrumentos de recondução ao seio da Mãe Igreja.

O último doente assim nos segredou: «Eu só suspirava por um leite e um sacerdote à cabeceira».

De facto só à luz da Igreja, tem sentido o amontoado de arrumados que aqui está a crescer. Na semana passada chegaram três, qual dele: o mais indigente.

O Senhor Mário dormia abrigado por esmola. Contudo as horas do dia eram pelas calçadas e bancos dos jardins. O hos-

pital não o quisera. A doença é incurável. Viveu, pois, momentos de ansiedade e desespero. Creio que nunca alguém desejou tanto o Calvário!

Com o curso dos liceus, fôra guarda-livros. O falar revela pensar esclarecido, mas o aspecto físico tragédia dum viver sem esperança. No entanto aguardamos que a camita-quente mais o caldo saboroso hão-de dar frutos morais — dar a Esperança a quem anda longe dela. E se outros não colhêssemos que mais podemos aspirar, se aqueles são o maior!

O Zeca, de três anos, veio de Évora. A mãe largou-o. O pai tuberculoso não estava a seu lado. Sem pés, nem mãos, a criança move à compaixão e serve perfeitamente para negócio. Era precisamente a avó quem negociava com o pequeno. Ele está entre nós, por não haver onde, como brado inocente pela solução do problema da reabilitação física, quase desconhecido no nosso meio, tão lentos somos em acompanhar o movimento do século. É mais lixo, portanto, no lugar próprio.

A Tia Maria Ferreira, há anos que é viúva! Ainda eu não era nascido. Esteve também no hospital. O mal não cicatriza e a doente quer vir. Tem mãos válidas. Pode portanto ajudar os desvalidos. E gosta tanto, que não pára. Contamos com os doentes para amparar os doentes. Este espírito arreda para longe o pessoal de serviço. Isto é obra de doentes, para eles e há-de ser realizado fraternalmente por eles, para ser uma obra cristã, que apaixone os de dentro e os de fora. Por isso mesmo ela é motivo constante de renúncias, de meiguice e tanta caridade. Eis o que vai agora por estas linhas: «Envio 500\$ que poderia gastar numa pequena extravagância para mim, mas de que, com grande alegria prescindindo, em favor dos pobres doentes — Helena».

Marido e mulher apresentaram-se com 200\$. A capital com 300\$. O Barreiro com 50\$. Visitantes do Porto com outro tanto. Uma avó com mesma quantia. Metade para sufrágio. E outra vez o dobro da Av. de Roma. Roupas chega em embrulhos de proveniências diversas, da Covilhã e do Porto. De Penafiel, 200\$. De Rio Tinto meias. O peditário nos Congregados somou 14.937; na capela das Almas 6.428; na Lapa 14.250\$.

CONTINUA NA QUARTA PAGINA

CONTINUA NA TERCEIRA PAGINA

## BELÉM

«Uma casa de família para as sem família».

De Belém à Cruz e pela Cruz à Glória!

Este o Caminho percorrido por Jesus, o Filho de Deus feito Homem por amor dos homens.

A que extremos O levou o zelo da glória do Pai! E que preço o do nosso resgate! — a Sua Paixão, a morte de Cruz, todo o Seu preciosíssimo sangue.

Por nós glorificou ao Pai e dele obteve perdão para a nossos muitos e enormes pecados. E mereceu-nos a participação na própria vida divina que nos torna filhos de Deus, templos do Espírito Santo, herdeiros do Céu!

Que, pela meditação da Paixão de Jesu, o Santo Espírito acenda em nossa alma o desejo grande de corresponder ao Seu divino Amor e nos fortaleça na Fé, na Esperança e na Caridade.

Diz o Senhor: «Se não vos tornardes pequeninos como este menino, não entrareis no reino dos Céus».

# RELATORIO DE 1958

Agora mesmo está ele empenhado na construção do edifício das Escolas, que se vem juntar à capela e às instalações domésticas, oficinais e agrícolas, que fazem o aldeamento, bem grande já, da Casa do Gaiato de Beire.

O Calvário tem também excedida a sua presente lotação. Contudo, dentro de dias — esperamos — estarão ao serviço deles mais três casitas, agora nos últimos acabamentos. É um conjunto muito bonito, formado pela Capela, Casa-Mãe e mais cinco casas, sem contar o depósito da água, que até ele é bem gracioso.

Padre Baptista tem andado presentemente em roda viva,

inteirando-se de vários casos já apresentados para admissão no Calvário. Alguns são tão urgentes que ele não tem resistido, não esperando pela conclusão das instalações. Daí a sobrelotação actual da casa.

Aqueles excursionistas do norte, sobretudo, que desde a primavera ao outono costumam vir pelas nossas casas, nós lembramos-lhe Beire, Calvário e a Casa do Gaiato anexa — são a novidade. São obras que principiam, com as dificuldades próprias do arranque de todo o movimento. Precisam, pois, do estímulo da vossa visita e do calor do vosso carinho e do auxílio da vossa escola.

do nosso balanço actual os toque e os desperte para o encantamento das alturas, que só fazem vertigens aos que rastejam e estimam rastejar. E então, sim! Nem o Daniel pre-

cisa de me pedir a mim que «A Voz dos Novos» «seja algo mais do que tem sido». Que sendo nós fieis e generosos e humildes, ela será aquilo que Deus lhe tiver destinado ser.

um passo em frente. Mais até do que eles julgam.

Em algumas casas, esse passo foi mesmo notável. Penso sobretudo no Tojal e Lar de Lisboa, onde os rapazes procuram tomar a posição activa que lhes cabe e experimentam uma dedicação de que se vinha sentindo falta, desde sempre.

E saibam os nossos rapazes que, se o seu rendimento não atingiu toda a medida de que cada um é capaz, é simplesmente porque eles ainda não acreditaram suficientemente Pai Américo: «A vida religiosa nas nossas comunidades, seja o centro. (...) Vale mais a alma do que o corpo.

Por ela, pela alma dos nossos rapazes, sangrem os padres até ao fim. A nossa Capela. A Missa dominical. O ensino da doutrina cristã. A prática das orações quotidianas. Os Sacramentos, (...)».

E, não o tendo acreditado, se não têm servido, tanto quanto a sua humana fraqueza necessita, do banquete a que são chamados e ao qual muitas vezes não querem ir.

**INSTRUÇÃO:** Funcionaram as nossas Escolas Primárias em todas as casas, com aproveitamento. Também temos que dizer bem dos resultados dos rapazes que estão nos Lares. Dos que estudam de dia, esses têm obrigação de dar conta, porque o tempo chega e a capacidade de cada um também. Mas os da noite merecem sempre uma palavra de estímulo, porque, sem dúvida, é duro um curso feito depois de um dia de trabalho, com corridas para não perder horários e jantar, tantas vezes, rente à meia-noite.

Em Paço de Sousa, o Ministério da Educação Nacional criou-nos um Curso Complementar de Aprendizagem Agrícola. Frequentam além dos nossos, ainda alguns rapazes da freguesia.

É uma tentativa de muito alcance na valorização dos nossos agricultores; não só, e nem tanto, pela melhoria da preparação técnica, como pela subida do nível cultural, que ajudará o nosso homem do campo a sair daquela sub-humanidade em que tem jazido e o coloca em dolorosa e injusta posição de inferioridade mesmo em relação ao homem da fábrica.

Ainda aqui temos chocado com aquela inércia espiritual de que falamos atrás, mas esperamos alguns resultados e num ou noutro contamos mesmo com deles muito promotores.

Finalmente, queremos dizer aqui da nossa expectativa ansiosa daquele dia em que seja um dos nossos à frente de cada uma das nossas escolas. Um que vá, na sua acção, para além do período estritamente escolar e garanta a continuidade destes e outros cursos

## Aproveitamento

«Lembrem-se e compreendam (os «padres da rua») que o objecto principal e total da Obra é o rapaz, ao qual, de maneira nenhuma podem sobrepor questões de ordem secundária; eles são da Obra por amor do rapaz» (Do Fundamento da Obra da Rua e do Teor dos seus obreiros).

Este é o capítulo; o capítulo das grandes dores e das grandes alegrias dos «padres da rua». Onde está o fulcro do amor, aí também o fulcro da dor. Que não há amor sem dor; e ela é mesmo a medida mais verdadeira do amor.

Ora a nossa vida obriga-nos a muitos contactos, ao choque com muitos critérios e mentalidades — o que, às vezes, nos acarreta dissabores. Porém, nunca nenhum fere tão finalmente como qualquer ingratidão dos a quem servimos; quando a há. De resto, Pai Américo deixou-nos prevenidos: «Não se molestem e sofram com paciência até ao fim (...) É o sal. É a recompensa divina; (...)»

Outro dia um dos nossos mais velhos perguntava: «Mas oiça lá, os Senhores sofrem qualquer desgosto dos nossos rapazes, como se eles fossem realmente vossos filhos?»

É aqui que reside, justamente, a singularidade da nossa Obra entre todas as que prestam assistência ao rapaz abandonado: É que nós amamo-lo e sentimos a respeito dele, como se fosse nosso filho carnal, sem sequer termos sobre ele os direitos que tem o pai, mesmo o mau pai.

É uma vocação cheia de antinomias e de equilíbrio constantemente in fieri esta do «padre da rua». Por isso muitos se encantam de longe, e a receiam de perto.

Ainda há momentos me falou Padre Horácio. Meses atrás, um de três irmãos, inteligente, cheio de habilidade para o seu ofício, depois de termos tentado todos os meios para o corrigir das mais graves faltas, foi transferido para a Casa de Miranda do Corvo, na esperança de que a mudança de ambiente lhe fizesse bem. Fez algumas partidas durante este período. A última fôra no domingo. Tinha que ser castigado. Ninguém lho disse, senão só a sua consciência. Pois não esperou pelo castigo. Enquanto a comunidade rezava o terço ele desandou sem nada dizer. Uma comprovação mais das regras de Pai Américo: «De resto, a experiência ensina que o rapaz da rua se elimina por si mesmo, quando lhe falta a capa.

cidade moral de suportar o clima da Obra».

Outras vezes são as famílias que os desinquietam, mal vêm neles, com exame feito e uns ruídos de ofício, uma fonte de exploração. E nós vemos desaparecer para a má-sorte, quase sempre, rapazes que foram nossos, que viveram do nosso calor, anos seguidos, sem nada podermos legalmente (que qualquer tia ou primo pode mais do que nós!) e sem nada podermos contra a liberdade que os cega, em vez de os iluminar.

Podrá pensar-se que o hábito embota a sensibilidade. É assim em algumas coisas, mas nesta não. Quanto mais vezes aberta, tanto mais larga e mais profunda nos fica a incurável ferida.

Em volta de nós gravitam muitos destes rapazes que escolheram o pior.

Ainda ontem um de 19 anos a quem o abuso do seu viver sem rédeas pôs em estado de mudança de ares, me pedia se deixava vir por eles.

Eu sei que ele precisa de ares para os pulmões e ainda mais para a alma. Ele não deixou de ser nosso, nem por nos ter rejeitado. Contudo, o amor dos que estão, o princípio de que quem sai por querer sair fechou, ele mesmo, a porta atrás de si — obriga-nos a excogitar outra maneira de o ajudar, sim, mas a dizer que não ao seu pedido. É que, as mais das vezes, nem sequer a provação deles foi ainda suficiente para que eles sejam o «filho pródigo».

Como este, muitos vêm bater-nos à porta de novo, mas vencidos, mais que convencidos. Vêm por um auxílio; não por arrependimento.

É a gente vê a necessidade deles e tem de endurecer o coração e de negá-lo por amor.

Os Pais, que o são de carne e espírito, compreenderão... Estes nossos rapazes, estes mesmos que nos fazem a dor, não-de compreender um dia. Mas até lá, meu Deus, que força de Fé e Esperança nos não há-de sustentar!...

Este um reverso de medalha em que se repara menos, e que aqui desabafamos só por amor da Verdade, da Verdade toda; não por nos queixarmos, que mesmo então nós somos tão felizes, tão felizes, que por nada quereríamos trocar este caminho que conduz «mais depressa à contemplação do Homem das Dores, que levou a sua vida mortal a servir!»

De resto, graças a Deus, a maior parte dos rapazes deu

## A «Voz dos Novos»

Não é que seja uma iniciativa nova a de este jornal que, em princípio se destinou apenas à circulação interna e hoje, sem perda do seu carácter íntimo, familiar, vem sendo procurado por jovens e por muitos que já o não são, mas têm responsabilidades de formação de juventude.

O que tem havido (e me faz registar o facto como um dos acontecimentos dignos de tal) é um amadurecimento notável na sua elaboração.

«A Voz dos Novos» é uma afirmação de uma Pedagogia. Se em muitas das nossas actividades os Rapazes é que são, nesta são eles e eles só. Ora «A Voz dos Novos» pois, especialmente, sobre a iniciativa e o entusiasmo fértil em ideias do Daniel; e na maturidade mais acabada e na cultura mais estruturada do Júlio. Daniel pensa; Júlio ajuda a dar forma e a sustentar.

Eu desejo muito que ambos se fortifiquem nesta colaboração que os completa mutuamente e faz dos dois (cada qual com seu bem dotado quinhão, pela Graça de Deus) um dos valores da «Obra da Rua» em que pomos mais apreço.

De modo que este capítulo torna-se em uma espécie de carta aberta ao Daniel, que desenrolamos aqui diante dos nossos leitores, a quem sempre tomámos e tomamos como da Família.

No número de Dezembro de «A Voz dos Novos», Daniel pediu-me «que esta Voz seja algo mais do que tem sido». E eu digo-lhe só hoje, aqui, que ela deve ser apenas aquilo que fôr sendo, ao longo da sua trajetória incessantemente esforçada por uma ânsia de mais perfeição. De resto, ele tem razões para «esperar com fé e confiança», que desde o início, a marcha não sido ascensional.

Porém não é o crescimento e expansão o que mais interessa. O que importa, primeiro, é a estruturação. Que o crescimento se faça lentamente, sem que haja vazios sob a mensagem de que o jornal é portador.

Ora, antes de tudo, «A Voz dos Novos» é uma revelação da nossa vida íntima, familiar. «Há-de dizer a letra com a careta» — como ouvi algumas vezes de Pai Américo. Eu disse: especialmente pois sobre o Daniel e o Júlio. Quero dizer: que, embora suportando menos peso, outros, bastantes outros, não-de levá-la também a ser aquilo que eu (não menos que o Daniel) sonho que ela seja.

Isto exige de muitos mais dos nossos rapazes, um trabalho de interiorização e de verdade, um esforço de valorização das suas qualidades naturais, um combate corpo a corpo consigo mesmos, pela superação do seu egoísmo, do seu burguesismo, dos desejos rasteiros de vida fácil.

Sem tal, que contribuição poderia dar «A Voz dos Novos» «para a elevação das classes operárias»? Quem se atreveria a «reivindicar» em nome de «todos os jovens de Portugal»? A quem aproveitaria que ela «galgasse todas as províncias de Portugal»?!

Eu regosijo-me e considero um muito feliz acontecimento na vida da nossa Obra, a existência e o progresso de «A Voz dos Novos». Mas prefiro-a pequenina e autêntica, a de grande expansão e demagógica. Nós temos em casa a experiência feita de que só a Verdade é força que vence todos os obstáculos. O que faz a vitalidade de «O Gaiato», o seu perene interesse, a sua constante novidade, apesar da repetição quinze anos a fio dos mesmos temas?... «A Verdade, a Verdade toda, só a Verdade». Uma realidade que deve crescer de dentro de nós para além de nós, plena de poder irradiante, contagiante.

Esta sim; esta é a expansão que se deseja e vale a pena.

Ora nós temos aqui a registar com menos alegria que continuamos achando uma moleza espiritual nos nossos rapazes, mesmo em alguns que têm sido chamados a dar muito e têm muito para dar.

Praza a Deus que este ponto

# RELATORIO DE 1958

complementares que darão oportunidade àqueles dos irmãos mais novos que tiverem asas, de voar.

Esses têm ainda o campo novo da especialidade dos dé-

## Novos Lares

O ano de 1958 viu a constituição de sete novos lares de outros tantos rapazes que foram nossos.

Alguns destes prepararam-se escrupulosamente para o grande passo, dando assim uma garantia esperançosa de que serão sete Famílias felizes, a contribuir na sua modesta parte para a saúde de uma Sociedade enfermeira, justamente porque andam enfermas as células-base que são as Famílias.

## Trabalho

Já o prevíamos o ano passado. Este foi um ano de crise e de recurso, de novo, ao mestre estranho, em certas oficinas, por causa da tropa. Não que nós, graças a Deus, tenhamos a dizer nada dos actuais mestres. Mas eles compreendem, justamente na medida em que se integram no nosso ambiente, a ânsia que temos de um dos nossos à cabeça de cada centro de trabalho.

Podemos aqui afirmar, como fruto de uma experiência mais madura, que o chefe de oficina faz a oficina. Faz, porque cria nela uma atmosfera de ordem, que só por si é uma escola. E porque o espectáculo do seu zelo e do seu brio contagia os súbditos, que tanto mais o estimam e estimam o seu ofício, quanto mais exigente e justo e exemplar encontrarem o seu mestre. Um mestre que será Mestre, quando tiver preparado um discípulo até ao seu nível e for capaz de lhe ceder o comando, e de tomar uma tarefa de aprendiz, para que ele se exercite também na difícil arte de comandar e possa sair para a vida o melhor dotado que for possível.

É este o ideal que nós temos do Rapaz-continuador, do «ra-ro» (como Pai Américo lhes chamava) que for convidado a garantir a continuidade de chefia nas nossas oficinas. Um rapaz que encontrará na sua dedicação pelos irmãos mais novos, o estímulo para se valorizar e fazer render ao máximo as suas qualidades natu-

rais; e até uma força misteriosa, que só no amor tem alimento, e lhe dará o poder de se ultrapassar quando isso for necessário.

Ora isto exige Fé e Humildade e confiança em si próprios, na medida em que estiverem certos (eles e nós) de que foi Deus quem escolheu e os chamou a participarem de modo tão íntimo na vida desta Sua Obra.

Eu chamo-lhe aqui a atenção. Que leia e medite no que se diz atrás. E veja o que está feito. E pelo que está feito, imagine o que se poderá fazer no dia em que ele estiver disposto a dar tudo por tudo e a dar-se completamente.

Um dia, a um destes rapazes perguntei: «Até onde te posso pedir?» Esse respondeu-me: «Até onde quiser».

Ora eu aproveito aqui esclarecê-lo, a ele e aos outros, que não espero pedir-lhe «até onde eu quiser», porque poderia eu próprio enganar-me na medida exacta do querer. O que eu espero, sim, é poder pedir-lhes até onde for necessário.

Como os mais anos também este houve delas, em Ericeira, Senhora da Piedade de Miranda do Corvo e Azurara. Como sempre seminaristas de várias dioceses foram os esteios desta actividade. Esteios devotados. Que vieram por paixão e partiram mais apaixonados. Mais certos de que o grande testemunho de que o Mundo espera para acreditar e seguir a Cristo, é o mesmo, simples e total testemunho de amor que foi escândalo dos primeiros séculos da nossa

camas para outros tantos doentes. Pararemos um pedacito até que estes estabilizem e nos dêem oportunidade de irmos descobrindo o como da realização de uma obra que Deus quer e que Ele irá revelando quando e consoante for preciso.

Depois de ganha a experiência dos permenores específicos da vida daquela comunidade (que por ora estamos quase só em princípios de acção) iremos ampliando a lotação, pela construção de mais casitas pequenas, a cheirar muito a Família, até às 100 camas.

Mais não! Tal como para as Casas do Gaiato, também aqui não convém a dimensão tama-

na que possa impedir praticamente o ambiente e espírito de Família. Por isso até aos cem doentes.

E depois, se Deus quiser que sejam, outros Calvários serão, em outras quintas. Mande Ele os obreiros apaixonados e combativos pelo alargamento do Seu Reino. O resto será por aeréscimo!

Das outras Casas do Gaiato nunca desapareceu o pedreiro nem o trolha, posto tidas por acabadas. Pequenos arranjos, ampliações, conservação... E, no Tojal, Padre Baptista tomou sobre si a grande empresa de renovar totalmente o telhado do velho Palácio Patriarcal. Era uma necessidade inadiável, que os últimos invernos tinham sido dentro quase tão desabridos como fora de casa. Em Setúbal, finalmente, preparamo-nos para

contamos, pela experiência passada, que as necessidades indicarão a obra que seguirá.

Um dos trabalhos escondidos, mas indispensável, em que nunca cessou a nossa actividade desde que nos entregaram aquela quinta, foi a pesquisa e aproveitamento das águas existentes. Podemos dizer que neste ponto a quinta esteve a saque durante anos e anos. Encontrámo-la seca, totalmente seca. Hoje, graças a Deus, a água já não é problema.

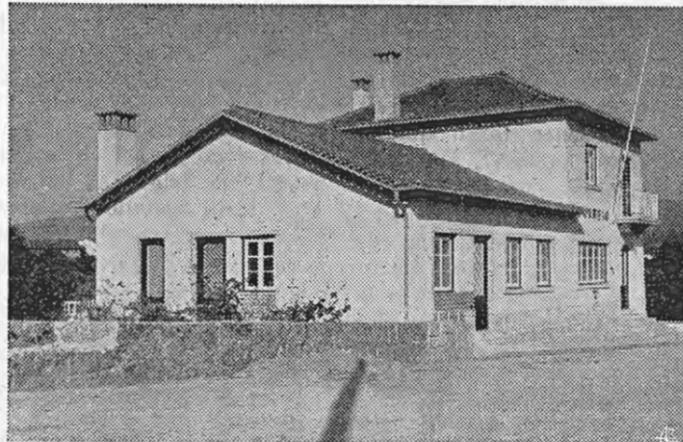
Outra obra que nos ocupará ali, ainda por muitos anos, são os muros. Deles de suporte, deles de vedação. Temos ido pelas maiores urgências, mas a verdade é que quase toda a propriedade exige uma reforma neste capítulo.

O Calvário, dentro de breves semanas, contará com 35

às horas próprias, e a novidade de uma cama para cada um com lençois e cobertores; e água corrente e chuveiros... — e esse bem?!

Embora seja mais uma actividade a distrair-nos e a sobrecarregar-nos, aceitamos contentes essa periódica sobre-carga, e esperamos continuar fieis à tradição.

Tanto assim, que na Senhora da Piedade Padre Horácio não tem cessado, ano após ano, de introduzir melhoramentos nas instalações das Colónias. E em Azurara começámos este ano a construção de um belo edifício, mesmo na praia, junto ao pinhal, que, querendo Deus, já funcionará no verão de 1959. E na Ericeira pensava-se já em aproveitar um pedacito da larga serrania, que parece pertencer-nos (o que não está ainda bem definido!) para aí construirmos a casa-abrigo dos nossos colonos, que vêm, desde há nove anos, ocupando uns barracões quase prestes à ruína total. Esperamos que este verão os nossos próprios rapazes darão começo à Obra, enquanto fôrem as Colónias.



O edifício dos C. T. T. e da G. N. R. este ano inaugurado.

CONTINUA NA QUARTA PAGINA

## CALVARIO

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA

Lisboa torna com 400\$ e uma prece com 50\$ do Dafundo, com roupa de Entre-Campos. Mais cobertores, gravata e tabaco. «Uma portuense qualquer» aparece pontualmente e generosamente com 20\$. De Gaia, por mãos do Alfredo, mil escudos. Outra vez Penafiel com 100\$. Visitantes deixam um pouquinho de si mesmos. Bem hajam.

Nos viveiros de Amarante dois atados de árvores para ornamentação do Calvário. No Porto, remédios com promessa de tornar. É a vez dos assinantes que mandam entregar aqui o excedente ao pagamento do jornal. Ora o Avelino a im tem feito. Um tanto para ele, outro tanto para nós. Na maior parte dos casos estamos com vantagem de quem endereça.

«Do meu primeiro ordenado, 500\$». Mais carinho de Tortozendo, de Proença-a-Nova, do Porto e de Lisboa. Que ninguém clamo contra a capital, que lá encontra-se gente muito boa. Por devoção aos doentes, 35\$. Uma mãe que sofre, 20\$. Do Funchal, 100\$. Igual parcela dum dinamarquês amigo. Maria dos Sacários Calvário, com metade. «Que eu possa aparecer muitas vezes» — 100\$.

«Que eu possa aparecer muitas vezes» — 100\$. Voltam os assinantes com 200\$ e com 50\$. De Ponta do Sol — Madeira, 100\$. Com o dobro, surge agora um anónimo do Porto. O Porto gosta da discreção. Do Presépio da R. Faria Guimarães, 70\$.

Mais terras: Viana do Castelo, 100\$. Alcobaça, 50\$. Valongo, 20\$. Campo, 20\$. Viana, 15\$. Mação, 50\$. Matosinhos, 70\$. Foz Coa, 100\$. Vila Fernando, 100\$. CONTINUA NA QUARTA PAGINA

## Colónias de Férias

era: «Vêde como eles se amam».

Só pelos futuros sacerdotes que nos procuram, movidos já por uma inquietação que a graça produzira neles e que partiram com essa inquietação incurável—só por eles, digo, valia a pena mantermos as nossas colónias.

E o bem que elas fazem à saúde dos nossos rapazes; e à dos outros das ruas de Coimbra que todos os anos têm os seus vinte dias de ar puro e refeições certas e abundantes

## Obras

praticamente acabadas e que ora se trabalha no edifício das Escolas.

Porém, embora para já não vejamos o que será depois,

# Relatório de 1958

CONTINUAÇÃO DA 3.ª PÁGINA

## O Gaiato e nossa Editorial

Do Famoso, nada acrescentaremos ao que foi dito no número do seu aniversário em 1959.

É bem eloquente o testemunho de tantos leitores, tanto faz diplomados, como sabendo a custo ler e escrever. No aprego, na devoção ao jornal, todos são unânimes — sinal de que ele conserva aquela universalidade que só a Verdade dá, a Verdade que está ao alcance de todos os homens de boa fé, ricos e pobres, sábios e incultos, porque a Verdade é pessoa em Cristo e a Cristo quem é que não entende? E entendendo quem O não ama? E amando-O, quem O não quer servir?

Ora eis «O Gaiato»! «O Gaiato» que Pai Américo nos deixou e que, apesar da falta dele, visível, nas suas colunas (ó prodígio, para confusão nossa e aumento da nossa Fé!) continua sendo precisamente o mesmo: Um clamor de Justiça e um grito de Esperança a dizer ao homem que ele é melhor do que se julga.

## BELEM

«Uma casa de família para as sem família».

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA

Está a decorrer o mês consagrado a S. José, o incansável protector de Jesus e Maria e também das nossas «belenitas», pois que a Obra é consagrada à Sagrada Família. Que Ele venha ajudar-nos a resolver todos os problemas próprios duma Obra que começa do nada, para que em breve a casa esteja cheia de raparigas e com a sua vida normalizada.

E aqui fica este apelo a todos os Josés de Portugal: que cada um, conforme a caridade lhe inspirar, procure honrar neste mês o Santo do seu nome, tornando-se como que o seu braço direito na ajuda dispensada a «Belém»!

Damos a seguir a relação de alguns donativos recebidos até 25 de Fevereiro pp. que o espaço no jornal não consente que vão hoje todos.

De Moimenta da Beira—20\$. Duma amiga de Lamas, que nos visitou no dia de Carnaval e trouxe rebugados às pequenas—50\$. Em vale—30\$. Louça de cozinha entregue no Tojal. De «Marias» de Besteiros, 2 cestos de tangerina e duas vezes 50\$. (A estas temos de pedir desculpa por só agora acusarmos a recepção). À Maria de Fátima respondemos que tudo foi recebido, agradecendo o seu cuidado.

Deus seja louvado!

O nosso endereço: Belém — Vildemoínhos — Viseu.

Páscoa feliz em união com Cristo é o que deseja a todos vós a,

Inês

O jornal do aniversário saiu há poucos dias para a rua. Ele ia cheio de ecos dos seus leitores. Pois o correio destes dias traz-nos novos ecos da emoção que este jornal deixou nelles. Até assinantes novos, por causa dele!

Bendito seja o Senhor, nosso Deus!

Das nossas edições, também falámos no passado jornal, o

## A Festa do Coliseu

Não é que seja um facto extraordinário. Antes, um velho costume que se interrompeu apenas no ano seguinte à partida de Pai Américo. Em todo o caso o Coliseu é alguma coisa que revolve esta Casa de Paço de Sousa, sempre que se lá vai. Este ano, sobretudo, havia a emoção de nos apresentarmos pela primeira vez sem Pai Américo, posto tivéssemos procurado fazer sentir a sua presença tanto quanto nos fosse possível. E parece que, graças a Deus, conseguimos.

Depois, o momento em que a festa decorreu foi de particular nervosismo em toda a

do aniversário. O 1.º volume do «Pão dos Pobres» está quase pronto. Esperamos mesmo que quando tiver saído o próximo jornal alguns exemplares terão seguido já o seu destino a caminho dos assinantes da nossa Editorial.

O que eu tenho aqui a dizer em abono da verdade e em desprimor dos nossos Ex.mos Tipógrafos é que este volume já devia ter saído há meses, se não fôra o bocado de menos ordem (para não dizer desordem) que às vezes por lá lavra.

Esperemos que eles se metam em brios e que antes de um ano esteja na rua o 2.º volume do «Pão dos Pobres».

Nação.

Dias depois era o Campeonato do Mundo de Hoquei em Patins. Chegámos a pensar que o Coliseu este ano teria clareiras.

Pois contra toda a lógica o Coliseu esgotou-se e venderam-se bilhetes sem lugar e a atmosfera esteve quente como nunca.

Se nós não conhecêramos já o Porto de experiência própria, e não tivéssemos nos ouvidos e no coração o conhecimento que dele tinha Pai Américo, teria brotado dos nossos lábios, irreprimível, como dos dele, o grito da doce surpresa: «Quão tarde te conheci!»

## BELEM

Ainda que esta Obra se não registre aqui como uma actividade nossa (que o não é, nem sequer da nossa responsabilidade!), há, contudo, afinidades que nos deram uma pequena parte na sua efectivação e muita alegria pelo seu aparecimento.

Assim como o rapaz, a rapariga abandonada carecia de uma Casa onde conhecesse o amor de família e pudesse colher da fertilidade deste amor todos os benefícios que lhe ovitasse quedas e a fizessem até ressurgir delas, se as hou-

vesses, para uma vida digna de si e útil para todos.

Viseu teve a felicidade de ver o nascimento de tal obra, a qual sempre andou no coração paternal de Pai Américo, que, assim como da «Obra da Rua», também de «Belém» é o Mestre da pedagogia e da espiritualidade que há-de dar às suas obreiras coragem para acreditar e esperar e realizar o impossível.

Aqui deixamos, pois, o sinal do nosso regozijo e a certeza da fraternal colaboração das duas Obras.

## CONTAS

Como sempre as nossas são ao contrário das contas da maioria. Podemos mesmo dizer: ao contrário das de todos os homens prudentes, que não foram chamados a mergulhar incondicionalmente nos braços da Providência divina.

Nós não sabemos de antemão quanto vamos gastar em cada ano. Tampouco de quanto vamos precisar.

Sabemos apenas, com uma certeza da Fé, que as receitas serão condicionadas pelas despesas necessárias à obra que Deus quiser que nós façamos.

Pai Américo dizia: «A necessidade do Pobre é a nossa receita». «O Rapaz abandonado, miserável, que nos procura, trás com a sua necessidade de tudo, tudo quanto é preciso para lhe acudir». Quem

diz o rapaz, diz o Doente do Calvário. Quem diz o Doente, diz a Mãe viúva que vem com o seu ranquinho pedir que lhe tomemos conta de alguns e a quem nós despedimos na companhia deles todos, quando ela é capaz de os educar, com a promessa de que todos os meses irá a renda da casa, ou a renda do padeiro, ou do merceiro, de modo que não haja no seu lar a angústia que a fome trás.

Só este último capítulo sobe por ano à ordem das centenas de contos. Não nos perguntem que não sabemos conta exacta e temos por profanação sabê-lo. Sabemos que vai por aí fora e, embora cause surpresa a muitos, nunca faltou nada aos nossos Rapazes, nem aos nossos Doentes, por

# TRABALHO

Por especial deferência do seu Ex.mo Director, temos estado nas oficinas gráficas de «O Primeiro de Janeiro», um dos matutinos mais valorosos da imprensa portuguesa; e diga-se: desse estágio algo temos aumentado a nossa pequena bagagem.

Estamos na ampla oficina de composição onde pontificam os Senhores Amaral, Rafael e Brandão. Tudo aqui parece uma desordem e faz confusão a quem não esteja habituado nestas lides de tipografia, pelo elevado número de máquinas compositoras, tituleiras, mesas de distribuição, paginação, carradas de original, por vezes difícil de decifrar, colocando os linotipistas em apuros. Galeões... Gravuras... Anúncios...

Ninguém imagina as voltas que um jornal dá, até que saia para a rua. Quantas conseiras e problemas não cria. Aqui estão as págnas prontas Vão dar entrada na calandra para fazer a matriz; passam à estereotipia; seguem para a máquina impressora. Aqui parece uma cidade nova, com seus grandes atractivos, com suas maravilhas. A máquina tem o comprimen-

causa do que repartimos do que para eles veio por outros irmãos de todos nós que sofrem o estigma da miséria.

Por isso, essa legião de presentes, cada qual com a sua devoção: «o da viúva que só dá pão ao filho, quando ele barrega»; o «do velhinho do Barredo em que falava no último jornal»... e muitos e muitos e muitos, tantos que custaria a chegar ao fim se tal intentássemos!

Depois, surgem novas obras. Foi o Património. Depois o Calvário. Agora é «Belém». Ao mesmo tempo um assinante que levanta o dedo e sugere a Campanha dos «30.000×20\$=50 casas»—e aí temos nós a avalanche.

E uma obra não tira à outra! Parece até que refina o gosto de dar. Como é verdade que a «Obra da Rua» dá a oportunidade ao homem de conhecer que é melhor do que se julgava! E que feliz ele fica, e que Amigo!, no dia em que deixou vencer o seu egoísmo, e pôs a sua algibeira à disposição dos Irmãos que sofrem, até à própria participação sua nos sofrimentos que os afligem!

Chegados a este ponto, senhores, é sempre assim: A nossa angústia atinge o auge.

A angústia de quem toca no Divino sem o merecer e sem ser capaz (talvez por isso mesmo) de gritar aos outros homens, e de fazer acreditar a todos os homens, a Verdade de um Deus que é Pai desentranhado em amor, até ao extremo de participar no dia a dia da vida de cada um de nós.

Bendito seja o Senhor Deus de Israel! Bendito seja O Seu Nome! Bendito seja!

Eis as contas da «Obra da Rua».

to de vinte e tal metros. Os enormes maços de papel passam por entre uma infinidade de rolos, à velocidade de 50 mil à hora, (podendo, se preciso for, atingir os cem mil), até que o jornal sai perfeito, colorido e vai dali a instantes, saciar o leitor, ávido de novidades».

Uma coisa que gostosamente anotamos é que uma grande parte do papel consumido vem de Cacia—Aveiro.

É na Impressão que está parte do êxito do jornal. Pode ser muito bom em todos os aspectos, mas sendo mal impresso... Senhor Faustino toma todas as precauções e o jornal aparece sempre na rua com roupagem elegante.

Se por qualquer motivo a energia eléctrica faltar, lá está a central própria da empresa, capaz de abastecer uma cidadezinha. Não falamos ainda na magnífica casa de obras, na grande biblioteca, na secção de gravura, onde, depois de reveladas as fotos, se passam para o zinco. E as voltas que isto dá! O jornal depois de sair à rua já tem sua história também: o original, da redacção segue para os chefes da composição. Depois de destinadas as medidas e os corpos em que são compostos, são entregues aos operadores das máquinas compositoras. E tirar provas, emendar, paginar, censura, estereotipia, impressão e o público a gozar as delícias de sua leitura preferida.

Manifestamos o mais vivo agradecimento ao Senhor Director, chefes e todo o pessoal que de maneira tão simpática recebem este gaiato. Quando nos quiserem fazer uma visita às nossas instalações, com todo o gosto os recebemos.

A finalizar trazemos para a letra de forma, com todo o gosto; o respeito que todo o pessoal nutre pelos seus superiores. Podemos afirmar sem receio que o pessoal desta magnífica empresa forma uma família. Desta junção de esforços, vem a lucrar o jornal, leitores e próprio pessoal que devotadamente lhe empresta o seu esforço e inteligência.

Para todos e muito em especial para o Snr. Director, Snr. Dr. Vasconcelos, Mário Figueiredo e Sampaio, vai o grande abraço do Gaiato

Daniel

## CALVARIO

CONTINUAÇÃO DA 3.ª PÁGINA 50\$. «Uma humilde portuense», com 100\$. De Arroios — Lisboa, a mesma soma. Um aumento de ordenado. 150\$. Duas irmãs de Abrantes, 100\$.

A assinante 4.023 envia-nos 400\$. «Uma doente para o doentes», 20\$. Os números falam, mas não dizem tudo. Estão longe de traduzir a intensidade com que os Pobres doentes do Calvário foram amados, e muito menos a paga desta doação fraterna.

Padre Baptista

Visado pela Comissão de Censura